

Sindicalismo descarta reviravolta econômica

SÃO PAULO — Depois de motivar a produção de milhares de panfletos e jornais, além de um vídeo com vinte minutos de duração, a ameaça de uma hiperinflação já não preocupa as principais entidades do movimento sindical. A economia entrou em uma rotina que não deve ser alterada até a posse do novo presidente da República, acredita a maioria dos líderes sindicais. Apesar disso, a CUT está defendendo a antecipação da posse do novo presidente para meados de janeiro qualquer que seja o eleito. Segundo Gilmar Carneiro dos Santos, secretário-geral da entidade e presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, sem essa antecipação a sociedade estará convivendo com dois poderes paralelos, um de fachada e outro de fato. "Esse tempo de espera é que pode ser perigoso", avalia ele.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, entretanto, tem outra avaliação. "O problema é a dúvida, quando for conhecido o eleito a tendência é acalmar a situação porque todos vão saber o que vai acontecer por causa do programa do candidato", ponderou. Para ele, o temido buraco negro não existe. "Não vai acontecer nada", afirmou.

A idéia de que nada vai acontecer também é partilhada pelo economista Nelson Sato, do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Para ele, "quem dá os preços são os empresários e eles próprios não estão interessados em um aumento absurdo nesse momento. Se houver uma hiperinflação, os trabalhadores são os que mais vão sofrer, mas também vai haver uma quebra de empresas menores", analisou Sato.

Os sindicalistas também estão convencidos que o perfil do novo presidente, vai ter pouca influência sobre os ânimos dos diferentes agentes econômicos entre a confirmação do resultado do segundo turno e a posse em 15 de março. "O fundamental é que a posse seja em janeiro", pondera Carneiro dos Santos, convencido de que a manutenção do governo Sarney "será uma irresponsabilidade". Para Sato, a única possibilidade de uma hiperinflação é "se os segmentos que apostam no retrocesso tentarem inviabilizar uma candidatura mais à esquerda. Essa situação, segundo ele, é praticamente impossível.